

CELESC

O MILAGRE (D)ELÍRIO

A transformação de água em milhões

Depois de afirmar que “pior que a Celesc somente a Casan”, Parisotto voltou a fazer o que mais gosta: falar mal da Celesc, dos empregados, dos sindicatos e de qualquer um que enfrente o seu interesse financeiro. Defensor de tantas mudanças no estatuto da Celesc agora se diz vítima da última. Como se vê, mudança só aquela que lhe interessa. Não que a última mudança estatutária tenha lhe prejudicado, mas surgiu em um momento oportuno para tentar mais uma vez ganhar alguns milhões interpretando artigos e parágrafos jurídicos do mundo financeiro, cada vez mais afastado do lado real da produção de bens e serviços e do atendimento das necessidades e problemas reais da sociedade.

Pode parecer piada, mas, sob o argumento de que houve alteração no objeto social da Celesc retirando a exploração dos serviços de água e telecomunicações, quer que o governo adquira as suas ações compulsoriamente pelo valor arbitrado pela CVM. Estima-se que esse valor deve girar entre R\$ 200 a R\$ 400 milhões.

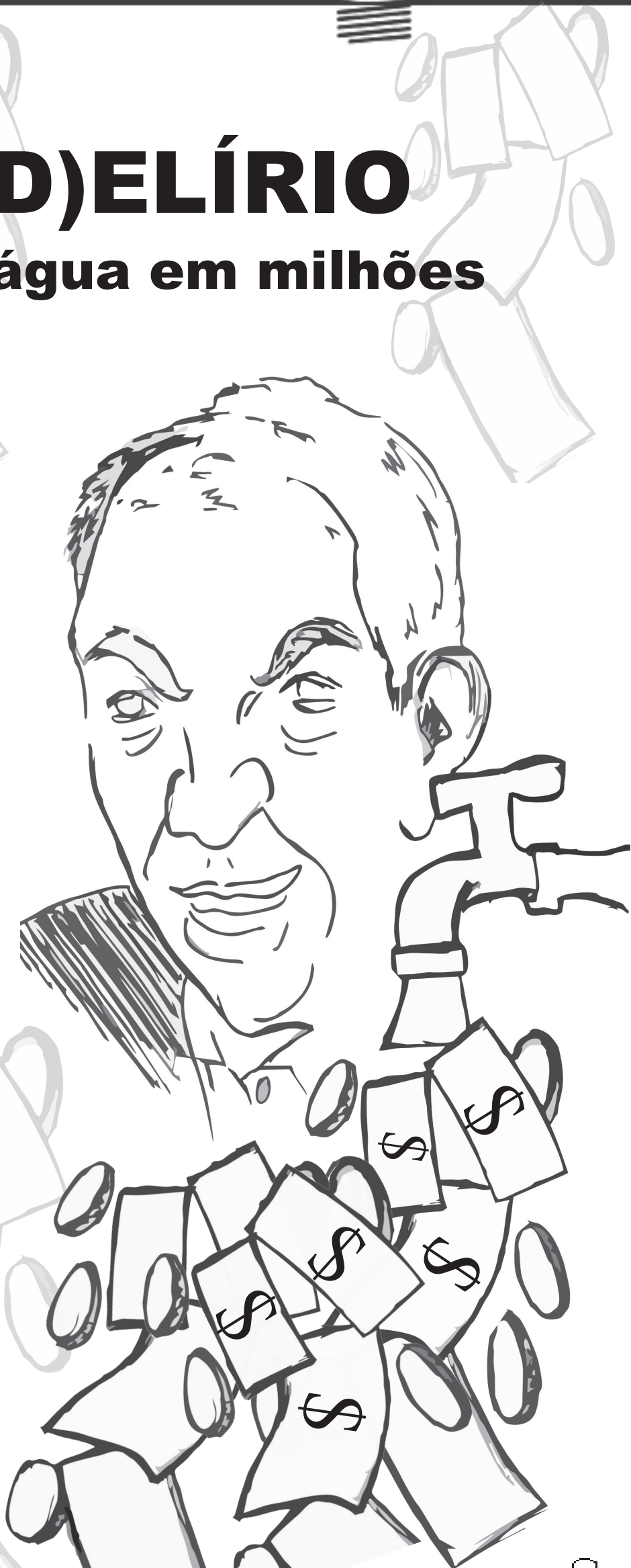
Como telecomunicações a Celesc nunca teve atividade comercial e água trata-se da participação na Casan, fica o entendimento de que a Casan – aquela empresa pior que a Celesc -, guardava uma mina de ganhos para Lírio Parisotto. Desse modo, na sua interpretação, há forte expectativa de desvalorização dos ativos da Celesc, razão suficiente para exercer o direito de retirada, sendo indenizado pelo valor das suas ações.

O seu desejo de vender as ações da Celesc está publicado nos jornais. Afirma que já teve muito prejuízo nesse negócio e encontra na mudança estatutária um atalho para sair e ainda ganhar alguns milhões. A sua reclamação parece bizarra, como se o prejuízo não fizesse também parte dos investimentos em ações.

Por declarações desse tipo e pelo fato de que a Celesc tem apresentado lucro nos últimos anos, sendo R\$ 273 milhões em 2010 e algo que deve ser ainda maior em 2011, até hoje se desconfia das reais razões que o fizeram comprar as ações da Celesc. Teria sido um “bilhete premiado” que acabou não contemplado pela luta dos trabalhadores contra a privatização da empresa?

O fato é que a Celesc está demonstrando juízo. Nesse sentido, ocorrerá uma Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 29 de março com o objetivo de rever a mudança no objeto social da empresa, reestabelecendo a versão original.

Não será dessa vez que água será transformada em milhões.



Assembleias e Plenária apontam rumos da campanha

Com a realização das assembleias nas diversas áreas da Eletrosul, os sindicatos que compõem a Intersul dão continuidade as ações da campanha de data-base-2012/2013 visando um bom acordo coletivo. No entanto, desde já, a Intersul alerta que - conforme discurso do ano passado, o cenário de crise internacional e a possível queda na receita da Eletrobras (anunciada recentemente pelo presidente da holding), serão usados como "justificativas" para não conceder avanços nas cláusulas sociais, bem como ganho real aos eletricitários.

Este cenário indica a necessidade de maior envolvimento dos trabalhadores na campanha deste ano e também reforça a importância do compromisso coletivo e a cumplicidade de cada um(a), especialmente nos momentos de crise, para obter-se avanços desejados e merecidos por todos. Um sinal positivo da atenção dos empregados da Eletrosul já pode ser mensurado: foi a base, dentre todas as empresas do grupo Eletrobras, que maior número de questionário da campanha respondeu. Agora é hora de participar das assembleias dos sindicatos e da conhecida e esperada plenária da Intersul.

Nas assembleias estão sendo discutidos os seguintes assuntos como pontos de pauta: 1) as cláusulas da Pré-Pauta de Reivindicações Nacional e específica da categoria eletricitária; 2) outorga de poderes à Diretoria do sindicato e ao CNE/FNU-CUT para procederem, junto com os demais sindicatos que compõem a INTERSUL, as negociações coletivas com a Eletrobras e a Eletrosul e, se necessário, procederem a defesa dos interesses da categoria, em juízo ou fora dele; 3) escolha de delegados para a Plenária de aprovação da Pauta de Reivindicações da categoria eletricitária da Eletrosul Centrais Elétricas S.A.; 4) discutir e deliberar a Contribuição Assistencial de 0,5% (meio por cento) sobre os valores pagos a título de PLR 2012 em favor da INTERSUL; 5) discutir e deliberar sobre os encaminhamentos pertinentes à Campanha Salarial de Data Base; 6) definir pré-candidatos para a eleição de representantes dos trabalhadores na Diretoria, no Conselho Deliberativo e no Conselho Fiscal da Fundação Elos; 7) termo de Compromisso 01/2012 - Compensação de Feriados; 8) assuntos gerais.

Plenária

Na plenária os trabalhadores definem a pauta de reivindicações específicas visando a negociação com a diretoria da Eletrosul e também aprovam a pré-pauta de reivindicações nacional, que será encaminhada ao planejamento do Coletivo Nacional dos Eletricitários - CNE para deliberação com os demais sindicatos e construção da pauta nacional a ser negociada com a Eletrobras. A plenária é mais um espaço de decisão coletiva e de congraçamento e uma ótima oportunidade de maior aproximação dentre os empregados da Eletrosul e familiares. A plenária acontecerá no dia 17/03, sábado, em Curitiba/PR e as inscrições devem ser feitas nas assembleias de pré-pauta e, como sempre, o trabalhador(a) pode levar um(a) acompanhante.

Fique atento a data de assembleia da sua base sindical e participe de ambas atividades. Destaca-se que na plenária serão definidos também os(as) candidatos(as), escolhidos pelos empregados nas assembleias de pré-pauta, que concorrerão, com o apoio da Intersul, a cargo na diretoria, conselho deliberativo e fiscal da Fundação ELOS.



Desabafo de um despachante.

Caros colegas despachantes de COD, dias atrás fui surpreendido por uma notícia que me deixou indignado e muito triste, descobri que novamente fomos desqualificados e inferiorizados, me sentindo menor que meus companheiros despachantes do COS. Muitos destes foram contratado na mesma época que eu e participaram do mesmo curso de formação do CEFA. Hoje eles estão qualificados como operador do sistema, conseguindo assim uma gratificação de função maior que a nossa, porém o que mais me surpreendeu foi a autorização que estes colegas obtiveram para acessar a área de risco. Com o argumento de que são operadores e não despachantes mais uma vez diferenciaram esses trabalhadores dos demais que estão em situação similares pelo interior do estado. Na minha opinião todos os despachantes tem a necessidade de conhecer as redes de distribuição que operam, ou seja, precisam ir a campo.

É aí que eu pergunto: Como nós ficaremos? Os CODs não são importantes para empresa? Também somos operadores e estamos presentes em 16 centros de operação espalhados pelo estado. Se os nossos colegas que estão lotado no COS tem este direito, ou melhor, o dever de ir a campo conhecer as mudanças que acontecem nesta área nós também devemos ter!

Companheiros! O nosso trabalho é sim tão importante quanto o deles e a diferença é que nós estamos abandonados. Sem a oportunidade de mostrar aos que tem o poder de decisão que nós trabalhamos muito, tendo que por varias vezes, além de cumprir nossas atribuições fazer papel de psicólogo e de recurso humanos para o nossos plantões. Resolvemos instantaneamente problemas dos mais diversos tipos, como por exemplo, relações publicas com os nossos consumidores quando entramos em contato para obter alguma informação para assim agilizar o atendimento. Consumidores que muitas vezes questionam o porquê da demora do atendimento.

Estamos nos despachos diuturnamente e na maioria das vezes sozinhos. Tendo que apagar o "fogo". Estamos executando uma atividade de muita responsabilidade na qual qualquer erro cometido pode acarretar em graves acidentes, inclusive com risco de morte.

Se os operadores do COS precisam ir a campo para conhecer o sistema, nós dos CODs também precisamos. E que isso aconteça sem a discriminação entre os despachantes novos (que são técnicos industriais) e os antigos (que estão em EQV), pois executamos as mesmas atividades e merecemos o mesmo tratamento. Enfim espero, do fundo meu coração, que essa situação se resolva e que sejamos valorizado como realmente merecemos.

Um grande abraço a todos

Luis Felipe Machado Campello

Operador de Sistema COD ARBLU

CELESC

Acordos coletivos assinados

A Intercel reuniu-se com a Diretoria Colegiada dia 29 de fevereiro e assinou os Acordos aprovados pelos trabalhadores. Veja abaixo as especificações:

Atendimento Comercial: Acordo da Jornada de 6 horas para o assistente administrativo na função exclusivamente de atendente comercial e em efetivo serviço nas lojas sedes regionais. A vigência iniciou em 1º de março e as Agências Regionais terão um prazo de até 60 dias para se adequarem ao Acordo. A implantação nas demais lojas de atendimento (AGDS tipo I, II e III) está condicionada à negociação com cada Administrador Regional.

Adicional de Linha Viva: Acordo do adicional de função para o Assistente Operacional em efetivo serviço nas equipes de Linha Viva. Além deste, o horário de verão da Linha Viva foi prorrogado até 30 de março.

Turnos de Revezamento: Acordo de Turno de Revezamento e sistemas Fixos de Turno. Entre outras demandas, está extinto o turnão, o pagamento da hora em excesso será majorado em 50% a partir de outubro, o número de trocas foi acrescido de 4 inversões e o horário de almoço passa a ser de 01 hora.

Subestações abandonadas, trabalhadores desprotegidos

Diversas vezes o Jornal Linha Viva trouxe aos trabalhadores retratos atuais e preocupantes da situação de conservação do patrimônio da Celesc. Os relatos constatam a falta de materiais, transporte precário, instalações abandonadas e trabalhadores desmotivados com o descaso da empresa. Esta situação, infelizmente, permanece. Por todo o estado as Subestações da Celesc sofrem com a falta de manutenção continuada, criando transtorno aos trabalhadores e à sociedade.

Em um levantamento feito nas subestações da região de Joinville, foi possível constatar os perigos a que são expostos os trabalhadores. O trabalho em lugares ermos, subestações sem vigilância constante e, pior, sem iluminação, dificulta sobremaneira as manobras técnicas. Não bastassem as preocupações rotineiras, fica ainda o funcionário sujeito a deparar-se com malfeitores que porventura estejam no local para depredar ou roubar materiais.

A irresponsabilidade com o patrimônio público prejudica a sociedade em todos os sentidos. Primeiro expõe desnecessariamente os trabalhadores ao risco e por consequência desguarnece a segurança no abastecimento de energia. Mas, o problema vai além disso, chegando a ameaçar a saúde pública. Com todas as campanhas da secretaria da saúde alertando para o perigo de deixarmos água parada em terrenos baldios devido ao risco de proliferação do mosquito da dengue, chega a ser cômico que a Celesc, a maior empresa pública do Estado, seja o exemplo a não ser seguido. Os próprios trabalhadores por uma questão de princípio e humanidade fizeram o trabalho de prevenção e correção para evitar danos maiores à população.

Simple ações, como o preenchimento do fundo de bueiros com pedrinhas solucionou a adversidade em alguns pontos, enquanto outros que requerem uma ação mais planejada e estruturada continuam sem solução. Vale lembrar que a questão foi ponto de pauta das reuniões da Cipa por diversas vezes, sendo que apenas medidas corretivas foram tomadas e o acompanhamento regular nunca foi mantido. Os sindicatos que compõem a Intercel estão fazendo o levantamento estadual das condições das subestações da Celesc para a cobrança, pois, além da certeza de que o patrimônio da Celesc deve ser conservado, também temos como bandeira a segurança do trabalhador e as condições adequadas para o bom atendimento a sociedade catarinense.



ELETROSUL

Plano de saúde Eletrosul: indignação e desespero

Permanece sem solução o problema do Plano de Saúde dos trabalhadores da Eletrosul. Nunca antes os trabalhadores foram prejudicados pela falta de atendimento à saúde, apesar de que esta não é a primeira vez que ocorre impasse entre os representantes dos planos e os médicos.

Esta situação causa indignação e desespero entre os trabalhadores. A indignação é pelo fato de que a Eletrosul, neste episódio, tem tratado o plano de saúde como item de custo e não como benefício fundamental para os trabalhadores que sofrem as consequências, sujeitando-se à realidade do mercado e dos planos de saúde que atuam exclusivamente na lógica da redução dos custos, valores de mensalidades, equilíbrio econômico e outras variáveis que buscam apenas maximizar o lucro.

Já o desespero é causado pela condição objetiva, ou seja, a falta do atendimento. A situação de impotência do trabalhador em um momento vulnerável em que precisa cuidar de sua saúde e de seus dependentes. Quando a manutenção da saúde é vista como uma prestação de serviço, valorada em moeda corrente, o desespero torna-se mais profundo.

No contexto do mercado de saúde o ser humano é tratado como um "cliente de serviços". Quanto ao Plano de Saúde da Eletrosul exigimos uma visão diferenciada. O plano de saúde da Empresa não pode ser norteado pela lógica de mercado. Ao contrário, a lógica é a de valorização dos recursos humanos da Empresa. Hoje, ainda temos o plano de saúde como um dos principais fatores de satisfação dos trabalhadores, justamente por ser um plano que atende as necessidades tanto dos empregados como de seus fa-

miliares.

Ora, se o plano de saúde da Eletrosul não tem nada a ver com a lógica dos planos de mercado, por qual razão os trabalhadores são atingidos da mesma forma que os usuários de planos que se referenciam na aritmética da receita e da despesa? A raiz do problema talvez esteja na disputa política entre a União Nacional das Instituições de Autogestão em Saúde (UNIDAS) e o Conselho Superior das Entidades Médicas (COSEMESC), assim como na forma como a Eletrosul tem se relacionado com estas entidades. A desassistência dos trabalhadores da Eletrosul decorre de um conflito sobre o qual os trabalhadores não têm profunda clareza da sua origem.

O fato é que para os sindicatos que compõem a Intersul, a Eletrosul deve intervir nesse processo a fim de resolver o problema dos trabalhadores. Se a Empresa permanecer neutra e aguardando as negociações das duas instituições envolvidas, os trabalhadores permanecerão sem seu benefício e é da Eletrosul a responsabilidade por garantir o atendimento dos seus trabalhadores. A falta de atuação da Eletrosul neste sentido causa o enfraquecimento do Plano de Saúde da empresa. A quem interessa que o plano de saúde seja enfraquecido?

A assistência à saúde é direito dos trabalhadores garantido em acordo coletivo de trabalho e regulamentado em normas internas da empresa. O presidente da Eletrosul e demais diretores da empresa serão responsabilizados pelo descumprimento desta obrigação e eventuais danos que venham a ser causados aos empregados e as suas famílias.

Algumas Mulheres, Algumas Histórias.

Andando pela Empresa dia desses, fiquei pensando que mais uma vez está chegando o 8 de março e que muita coisa continua do jeito que estava há muito tempo... o que não nos impede de comemorar avanços e pensar o quanto temos que lutar. Venho de uma geração posterior àquela que queimou sutiã em praça pública, brigando por direitos civis e sexuais. A minha geração vem lutando contra a violência doméstica, pública, individual e coletiva contra a mulher. Também lutamos por espaços políticos e oportunidades de trabalho, mas nossa luta foi majoritariamente, contra a violência. Essa mesma violência que ainda campeia em todas as esferas sociais e econômicas, que agride, intima, assusta e mata. Também rouba sonhos e expectativas.

A cada leitura de jornal nos assustamos com casos de violência contra a mulher, maridos que matam, pais, irmãos e namorados que espancam, abusam, violentam, e ainda escapam com uma certa impunidade. Segundo a Fundação Perseu Abramo, a cada 2 minutos no Brasil, 5 mulheres são vítimas de violência doméstica.

Hoje temos a Lei Maria da Penha (aplicada a maridos e companheiros agressores) que trouxe com ela o alento de penas mais duras, diferentes daquelas aplicadas por muito tempo que levavam o agressor à trabalhos "comunitários", como se prestar serviços a comunidade fosse pena ou castigo e como se agressão a mulher fosse algo leve, quase compreensível.

Também temos canais importantes, como a Secretaria Nacional dos Direitos da Mulher, que elabora políticas públicas para a inclusão e inserção da mulher no mercado de trabalho, para mulheres vítimas de violência e outras ações que buscam minimizar as nossas carências, ou ser um canal para nossos denúncias como o disque 100 ou de orientação para a mulher como o 180. A mídia também tem sido uma grande e importante aliada, mas o movimento de mulheres foi e é o grande impulso para esses avanços. Não podemos nos ater ao tempo e refletir a cerca de nossas questões somente nessa data, ela, a reflexão e tomada de ação, tem que estar presente em nosso cotidiano, nas nossas relações, quer sejam as relações pessoais ou as relações profissionais ou políticas. Hoje temos inclusive e especialmente uma Mulher na Presidência. E não se trata de "qualquer" mulher, mas uma vinda das fileiras da luta por democratização do país, trabalhadora,, acostumada a trabalhar para ganhar o pão de cada dia, como nós mulheres simples e mortais que mantemos nossas casas cotidianamente, e que carregamos conosco a capacidade de recomeçar, de acreditar e de sonhar, apesar da violência e do preconceito a que somos submetidas. E com essa mesma capacidade. conseguimos juntas, muitos e importantes avanços e somos nós que temos construído uma vida um pouco melhor. Assim, para ilustrar a nossa força, tomo emprestado o resumo da histórias de três mulheres, e quem sabe nos enxergaremos em uma delas:

Nome: Giusephina

Idade: 93 anos

Resumo da história, ficou viúva aos 30 anos, perdeu 4 de seus 5 filhos, de uma vida rica e opulenta teve que ser servente num posto de saúde, vive só em sua casa em Orleans, é independente, saudável, querida por todos. Lúcida, moderna, utiliza as novas tecnologias, como celular e computador, é dinâmica e atuante. Escolheu viver e acreditar, ao invés de lamuriar-se e chorar.

Nome: Cristina

Idade: 37 anos

Resumo da História: Mora numa comunidade empobrecida e violenta de Florianópolis, sem escolaridade e vítima de abusos e violência doméstica, tem 3 filhos, um marido novo, coordena uma cooperativa. Como tantas outras cansou de se lastimar do destino, e foi a luta. Dirige uma Kombi e uma cooperativa, tirou o filho mais velho da mão do narcotráfico, cuida com mãos de ferro dos dois mais novos, e junto com mais mulheres vai fazendo aquecedor solar e reciclando a vida.

Cristina escolheu viver e lutar de cabeça erguida e ter seus filhos com ela, buscando dignidade e qualidade de vida;

Nome: Onete

Idade: 52 anos

Resumo da História: depois de criar as filhas, resolveu retomar os estudos, pois parou aos 15 anos de idade quando se casou. Foi além, passou no ENEM, passou num concurso da prefeitura de Tijucas, trabalha numa casa lar, com crianças e jovens vítimas de abandono, abuso e violência e deu um novo rumo à sua vida. Cursará a faculdade de Tecnologia em Recursos Humanos. Antes tímida, inibida, calada, hoje discute sexo, drogas e cotidiano com as crianças e jovens com quem trabalha e com seus filhos. Entende que sempre é tempo para sonhar e ser feliz ao invés de parar no tempo.

São três histórias, que refletem muito daquilo que nós mulheres vivemos cotidianamente. Nossos dilemas, medos, obstáculos, lutas, nossas dores e nossas escolhas.. Somos assim, somos sobreviventes, lutadoras e sabemos que sozinhas não conquistamos nada, que não vamos a lugar algum. Sabemos que o bom é juntos, sempre!!!

A História do 8 de Março

A data do 8 de março, remonta o ano de 1857, quando operárias de uma fábrica de tecidos, na cidade norte americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve reivindicando melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. A manifestação foi reprimida com violência, com o trancafiamento aproximadamente 130 tecelãs na fábrica e um incêndio que culminou na morte cruel dessas mulheres trabalhadoras. Reza a lenda, que elas produziam um tecido lilás e desde então a cor é símbolo do movimento de mulheres no mundo. Em 1957, por meio de um decreto a Organização das Nações Unidas – ONU instituiu o 8 de março como o dia Internacional das Mulheres. Termine este pequeno artigo, emprestando uma frase da feminista Simone de Beauvoir,, para que todas nós possamos refletir acerca das nossas vidas e das escolhas que fizemos:

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa substância.”

